

5

LUIZ ALBERTO PY M. SILVA*

7/10/5

Contribuições de Bion à psicoterapia de grupo

A importância da contribuição de Bion às Ciências Humanas ainda está longe de ser corretamente aquilatada. O mesmo é verdade com relação à Psicanálise, em particular à Grupoterapia. O pensamento bioniano vem sendo constantemente reavaliado por psicanalistas e grupoterapeutas. Muito recentemente foi publicado na Inglaterra um livro intitulado *Bion and Group Psychotherapy*, organizado por Malcolm Pines, que, além de ser membro da Sociedade Britânica de Psicanálise e fundador do Instituto de Análise de Grupo, é também terapeuta-consultor da Clínica Tavistock, e foi, ainda, Presidente da Associação Internacional de Terapia de Grupo. Pines, na introdução do livro, deixa claro seu sentimento de o quanto temos para aprender com Bion, afirmando que ele possuía excepcionais qualidades mentais, oferecendo-nos através de seus escritos uma enorme possibilidade de nos desenvolvermos mentalmente. Particularmente, penso que levará ainda muitos anos até que toda a originalidade da contribuição de Bion às Ciências Humanas esteja adequadamente absorvida e assimilada, e, portanto, incorporada ao nosso acervo de conhecimentos sobre a natureza humana. Considero que, além da contribuição específica à teoria dos grupos humanos, que Bion nos oferece em seu livro "Experiências com Grupos" devemos valorizar, também no trabalho como terapeutas de grupos, a contribuição existente nas suas últimas obras acerca da postura mental adequada para o analista desenvolver sua tarefa.

Wilfred Ruprecht Bion nasceu em 1897 na Índia, perto de Benares, filho de um engenheiro inglês especialista em irrigação. Lá viveu até cerca de 8 anos de idade, quando foi enviado à Inglaterra para estudar, nunca mais tendo retornado à Índia. Combateu na Segunda Guerra Mundial, tendo sido por duas vezes condecorado

* Psiquiatra e psicanalista, exerce sua atividade no Rio de Janeiro.

por atos de bravura. Posteriormente estudou medicina e na Primeira Guerra Mundial serviu na ala de reabilitação do Hospital Militar de Northfield, onde começou a trabalhar com grupos humanos. Em 1948, iniciou um trabalho com grupos terapêuticos na Tavistock Clinic e pouco depois de 1950, possivelmente por influência de Melanie Klein, sua analista, abandonou o trabalho com grupos, nunca mais o retomando. Embora tenha sido dito em muitas oportunidades que Bion desistira do trabalho com grupos por considerá-lo pouco importante, ele mesmo, por várias vezes, referiu-se a esse tipo de atividade como sendo uma das perspectivas mais promissoras da psicoterapia. Explicava o fato de ter deixado o trabalho com grupos como sendo uma opção conseqüente à necessidade de se definir, tendo escolhido ser analista didata, por achar a forma mais adequada de então dar sua contribuição ao desenvolvimento do pensamento psicanalítico. Em 1967, Bion imigrou para os Estados Unidos, radicando-se em Los Angeles, numa espécie de auto-exílio que durou até 1979, quando então voltou para a Inglaterra, vindo a falecer poucos meses depois, ainda no mesmo ano, de uma enfermidade que evoluiu de forma fulminante, em pouco mais de uma semana.

A primeira coisa a ser dita acerca das contribuições de Bion à grupoterapia é que ele defende a idéia de que o homem é um animal de grupo, um animal gregário, de horda. O que quer dizer que fenômenos mentais grupais são inerentes à mente humana. Eles podem não ser a todo momento perceptíveis, mas estão lá. Mesmo um ermitão isolado no deserto apresenta características de membro de um grupo; faz parte do grupo de ermitãos. Da mesma maneira como uma pessoa tem de ir ao analista para que seja possível observar-se os fenômenos transferenciais, também é no espaço da convivência grupal que os fenômenos mentais grupais podem ser percebidos. Bion criou algumas expressões para designar os fenômenos que observou, ao lidar com grupos terapêuticos. Através da descrição dessas expressões, podemos ter uma vista geral de suas observações acerca do funcionamento do ser humano em grupo.

A expressão "mentalidade grupal" significa o fato de que um grupo usualmente funciona como uma unidade, mesmo quando seus membros não têm consciência de tal. Tem a ver com a atividade mental que ocorre quando os seres humanos se reúnem em grupo. "Cultura grupal", por sua vez, é definida como sendo o resultado da inter-relação entre a mentalidade grupal e os desejos dos indivíduos. A cultura grupal é um fenômeno que pode ser observado no contexto das situações grupais e é função da mentalidade grupal e dos desejos dos indivíduos. Trata-se de fenômenos a nível de funcionamento mental.

A alguns aspectos da mentalidade grupal, Bion deu o nome de "suposições básicas" que se referem aos grupos como que funcionando dentro de uma determinada suposição básica, o que quer dizer: estruturas específicas de forma de funcionamento adotadas por um grupo numa dada situação, num determinado momento. O conceito oposto ao grupo funcionando numa suposição básica é a mentalidade grupal, que Bion chama de "grupo de trabalho". Bion descreveu três suposições básicas: dependência, luta-fuga e acasalamento.

Dentro da suposição básica de dependência, o grupo se comporta como se um de seus membros fosse capaz de tomar a liderança e cuidá-lo totalmente. Grupos religiosos são exemplos característicos dessa posição grupal. Bion cunhou a expressão baD (significando *basic assumption of dependence*) ou sbD para se referir a esse tipo de funcionamento grupal.

A suposição básica de luta-fuga (baF: *basic assumption of fight-flight*) representa a convicção, freqüentemente inconsciente, do grupo como um todo, de que existe um inimigo que deve ser combatido ou evitado. Grupos militares funcionam dentro dessa suposição básica.

A terceira suposição básica grupal descrita por Bion é a de acasalamento (baP: *basic assumption of pairing*), que corresponde à crença coletiva e inconsciente de que os problemas e necessidades do grupo, sejam quais forem, serão solucionados no futuro por alguém ou algo que ainda não nasceu. Existe, nesse sentido, uma esperança de tipo messiânico. Em função disso, dois elementos do grupo, independente do sexo de cada um, formam um casal sob o beneplácito do restante dos elementos do grupo. O clima grupal é de alegre esperança. Deve-se notar que as suposições básicas são estados emocionais que evitam a frustração que está relacionada com o trabalho e o aprendizado dos próprios esforços, sofrimento e contato com a realidade.

O próprio Bion no derradeiro trabalho que escreveu sobre grupos, "Dinâmica de Grupo: Uma Revisão" (1952, *Group Dynamics: A re-view*, Int. J. of P.A., Vol. 33, in "Experiences in Groups", 1961), liga seus conceitos sobre grupos com os fenômenos emocionais descritos por Melanie Klein, principalmente as teorias sobre objetos parciais, ansiedades psicóticas e primitivos mecanismos de defesa. Em contraposição aos grupos de suposição básica, Bion descreve o grupo de trabalho (W: *Work Group*) que é o grupo que funciona maduramente em busca de uma solução harmoniosa, embora trabalhosa, para suas necessidades e objetivos.

Deve ainda ser notado o fato de que a mudança de uma suposição básica para outra é alguma coisa que pode ser feita com extrema rapidez. Durante uma sessão de grupo podemos observar o surgimento de configurações vairadas de suposições básicas e mesmo a aparição do grupo de trabalho, num espaço de tempo relativamente curto. Não devemos deixar de assinalar, também, que nenhum grupo apresenta seu funcionamento de forma pura, há sempre um pouco de grupo de trabalho nos grupos de suposições básicas e vice-versa.

Uma última expressão cunhada por Bion é "valência", um termo extraído da Química, e que indica a maior ou menor capacidade de cada indivíduo dentro do grupo para participar das suposições básicas grupais. Bion diz que todos nós temos um certo grau de valência que apenas varia para mais ou para menos em cada um, a cada momento, a cada circunstância.

Bion sugere que com estes dados em mente teremos mais facilidade de abordar um grupo como terapeutas, visando à compreensão do seu funcionamento a nível inconsciente e podendo enfao ter um ponto de partida para interpretações, por assim dizer, psicanalíticas. Este equipamento de conhecimentos desempenha o mesmo papel que as teorias psicanalíticas desempenham, equipando o analista para seu

trabalho interpretativo na psicanálise individual. Claro está que a interpretação não visa a uma formulação teórica, o que quer dizer que não se fala dentro de um grupo em suposições básicas, valência, acasalamento, etc., da mesma maneira que numa análise não se fala em complexos de Édipo, posições esquizo-paranóides e assim por diante.

Bion define grupo como uma função ou conjunto de funções de um agrupamento de pessoas. Não é função de ninguém separadamente, nem é agrupamento sem funções. Aceitando-se a idéia de que o ser humano é um animal de grupo, solucionam-se as dificuldades que parecem existir no aparente paradoxo de que um grupo é mais do que a soma de seus membros. Determinados fenômenos devem ser entendidos a partir da matriz do grupo e não dos indivíduos que o constituem, da mesma maneira que — como diz Bion — marcar o tempo é função do relógio como um todo e não das partes que o compõem. Assim sendo, um grupo é sempre mais do que a soma de seus membros. Existem características nos indivíduos cujo significado só pode ser entendido se se compreende que constituem partes do seu equipamento como um animal grupal; é o funcionamento desses aspectos só pode ser percebido ao se observar o indivíduo dentro do grupo. Nesse sentido, a função grupal é parte integrante da investigação sobre o funcionamento mental humano.

A classificação de Bion acerca dos grupos de suposições básicas não é definitiva. Outras formas de grupo podem ser eventualmente acrescentadas. Este não é o ponto essencial. A questão mais fundamental é o dado comum de que existe nas três formas de suposição básica descritas por Bion o fato de haver uma suposição básica assumida pelos elementos do grupo, sem que os mesmos tenham consciência de tal. Os grupos de suposição básica buscam satisfação instantânea dos desejos de seus membros e dos seus próprios desejos, e estão orientados para dentro, no sentido das suas fantasias subjetivas, e não para fora, em contato com a realidade objetiva. Há pouca ou nenhuma capacidade para tolerar frustração, pouco interesse em reflexão ou pensamento e uma ênfase muito grande nos sentimentos. Estão sempre funcionando numa tentativa de seduzir o líder para que este abandone sua proposta de trabalho. Nesse sentido, representam uma interferência com a proposta do grupo de funcionar como um grupo de trabalho ou com o atendimento de determinadas tarefas para as quais o grupo se organizou. Na fantasia inconsciente de seus membros, o líder do grupo dependente deve ser onipotente; o líder lutador tem de ser imbatível; o líder da fuga deve ser inaprisionável e o líder de acasalamento, embora perfeito, não é ainda nascido. No dizer de Margareth Rioch (1970), quando um madurecido grupo de trabalho faz um uso apropriado das suposições básicas, o líder do grupo dependente é apenas confiável; o líder do grupo de luta-fuga é meramente corajoso e o líder do grupo de acasalamento é simplesmente criativo.

É característico do grupo de dependência que este se comporte, buscando localizar o seu líder, e, a partir deste, colocar-se em dependência. Para isso, o grupo lança mão, caracteristicamente, de atitudes tais como ter algum de seus membros especialmente enfermo e necessitado de cuidados particulares por parte do líder. Este membro é estimulado pelos outros a atuar desta maneira. Esta função, às vezes, passa de um membro para outro dentro do grupo. Quando o líder não atende às de-

mandas do grupo, este procura outro líder alternativo. É claro que sempre haverá conflito dentro do grupo entre as tendências à dependência e a necessidade dos indivíduos como a todos. Quando o líder não atende aos anseios do grupo, suas palavras ou escritos se tornam uma espécie de livro sagrado e o grupo tende a substituir a pessoa do líder pelas suas manifestações verbais. No grupo de luta-fuga a importância do líder é maior ainda, porque o fato de o grupo se colocar numa proposta de ação requer a coordenação de uma liderança. Aqui, as pessoas enfermas não são toleradas, e o líder deve apresentar algum elemento de paranóia que lhe facilite localizar quem é e onde está o inimigo. O grupo de acasalamento traz consigo um sentimento de expectativa. Não há necessidade de líder mas sim de um par que engendrará o futuro líder, o Messias, que trará a satisfação do atendimento das necessidades do grupo. O clima é de otimismo.

Creio que as descobertas e reflexões de Bion acerca do funcionamento do grupo de suposição básica nos permitem a formulação que se segue. Um grupo quando organizado num *setting* favorável para regressão (o equivalente ao *setting* psicanalítico que favorece a transferência) passa a comportar-se de uma forma peculiarmente desconexa e pouco eficiente. A esta forma de comportamento Bion deu o nome de suposição básica e descreveu suas principais características, conforme vimos acima. Emerge algo inconsciente, instintivo e extremamente primitivo, impelindo o grupo a um determinado tipo de comportamento que parece um padrão da espécie humana, tendo em vista o fato de o homem ser um animal gregário. Talvez padrões semelhantes sejam característicos do comportamento dos mamíferos gregários. Trata-se de um comportamento de sobrevivência que então aparece de forma rudimentar, ineficiente, caricata. Os aspectos mais essenciais da sobrevivência da espécie estão aí presentes conforme descritos por Bion. Existe a expectativa da emergência do líder místico, aquele que individualmente detém capacidades invulgares e que tem condições de liderar, dirigir o grupo para a sobrevivência. O instinto de obediência a esse líder aparece caricaturado no grupo de suposto básico de dependência. Como animal predador e ao mesmo tempo alvo e presa de outros predadores, o ser humano necessita estabelecer padrões de comportamentos grupais que lhe permitam lutar e fugir de acordo com as circunstâncias. A liderança necessária para tal se faz presente e a formulação das atitudes grupais que fazem face a essas necessidades encontra-se representada no grupo de suposição básica de luta-fuga. O outro elemento fundamental da sobrevivência da espécie, a procriação e a criação da prole, está expresso no grupo de suposto básico de acasalamento. Assim, vemos que as principais necessidades básicas da manutenção da espécie humana emergem desta forma primitiva nos agrupamentos humanos quando é dada a oportunidade para tal.

Mais importante ainda do que o trabalho que Bion desenvolveu com grupos, do ponto de vista clínico para o terapeuta de grupo, talvez seja o trabalho que Bion desenvolveu, refletindo sobre a postura mental adequada para o analista se desincumbir de sua tarefa. Bion enfatizou muito a importância de um estado mental favorável à percepção por parte do analista das ocorrências emocionais no aqui e agora da situação analítica. Tal não é menos verdade no que se refere ao grupo terapêu-

tico. O que Bion fala da postura adequada para o analista no encontro com o seu analisando aplica-se *ipsis litteris* ao encontro do terapeuta com seu grupo. Partindo da observação feita por Freud em carta a Lou Andreas Salomé acerca da necessidade de o analista cegar-se artificialmente para poder perceber o que ocorre com seu analisando, Bion desenvolveu o conceito de que desejo e memória têm um componente sensorial que ofusca e confunde a percepção. Assim sendo, o analista deve ativamente procurar excluir de si desejos, memória e compreensão na sua relação com seu analisando — ou seu grupo — de forma a ficar melhor capacitado para perceber as ocorrências emocionais que aqui e agora se desenvolvem durante a sessão. Em um artigo, Bion (1967) faz referência expressa a uma disciplina que o analista deve praticar, visando a aproximar-se o mais possível do estado de mente ideal, que seria um estado no qual não existisse nenhuma memória, nenhum desejo, nem mesmo o desejo de compreender o analisando. É claro que este estado ideal de mente não pode ser atingido. É apenas uma direção, uma referência, assim como para os antigos navegantes o olhar para as estrelas e apontar seu barco na direção delas não significava a possibilidade de atingi-las, mas apenas usá-las como uma referência para buscar seus próprios caminhos.

A meu ver, a mais importante consequência de um contato íntimo com o pensamento de Bion é a irrupção em cada um de nós da urgência de trabalhar criativamente, a partir da experiência de utilizar as propostas de posicionamento mental que Bion faz. Isto nos catapultava inevitavelmente para além de Bion, como parece claro ser do seu desejo. Creio que isto impede também a existência de bionianos, pois atender às propostas de Bion é comportar-se para além dele. Nunca imitá-lo ou repeti-lo, mas sempre buscar dentro de nós mesmos, analistas, nossa própria criatividade e nossa capacidade de entrar em contato com a psicose de cada um. Como exemplo, menciono que ao me propor a responder psicanaliticamente a meus analisandos, aos meus grupos, tenho cada vez mais encontrado um movimento no sentido de lançar mão de interpretações formuladas não apenas com palavras, mas também recorrendo a gestos e comportamentos.

Tentando ir além de Bion, como ele sempre nos estimulou a fazer, proponho ainda uma reflexão acerca da importância do trabalho com grupos, que me atrevo a chamar de psicanálise com grupo. Se pensarmos que a atividade psicanalítica está muito mais vinculada à área da Educação do que à área da Saúde, pois que os fenômenos ditos terapêuticos ocorrem em função de um aprendizado, de uma ampliação do conhecimento e da informação, podemos desconfiar que seja muito mais viável o exercício da psicanálise grupalmente do que individualmente. Isto porque a atividade educacional é primária e predominantemente feita através de grupos. Se não nos esquecemos de que o homem é um animal gregário, sabemos que neste sentido ele está capacitado a funcionar de forma mais eficiente em grupos do que sozinho. Assim sendo, a tendência é que o funcionamento no sentido da aquisição de autoconhecimento psicanalítico também se faça de uma forma mais eficaz no trabalho com grupos. Finalmente, apenas no trabalho em grupo poderemos ter a oportunidade de observar os fenômenos humanos que dizem respeito às necessidades e impulsos instintivos que levam os seres humanos a se articularem grupalmente. Por

tudo isto, e pela minha própria experiência, cada vez mais estou inclinado a entender psicanálise como um processo que se desenvolve prioritária e predominantemente em grupo, neste sentido sendo a psicanálise individual uma situação de exceção destinada a atender raras e ocasionais necessidades que sobrevêm antes ou durante o processo psicanalítico grupal.

BIBLIOGRAFIA

1. BION, W.R. (1961), *Experiences in groups and other papers*, Londres, Tavistock Publications (Trad.: Experiências com Grupos, Rio de Janeiro, Imago, 1970).
2. BION, W.R. (1967), *Notes on memory and desire*, Psychoanalytic Forum, II-3.
3. BION, W.R. (1970), *Attention and interpretation*, Londres, Tavistock Publications.
4. GRINBERG, L. SOR, D. & BIANCHEDI, E.T., *Introduction to the work of Bion*, The Roland Harris Educational Trust, Perthshire, Clunie Press, 1975.
5. GROTTJAHN, M., *A Arte e a Técnica da Terapia Analítica de Grupo*, Rio de Janeiro, Imago, 1983 (De: The art and technique of analytic group therapy, 1977).
6. GROTTSTEIN, J.S., (1981), *Do I dare Disturb the universe?*, Beverly Hills, Caesura Press.
7. MELTZER, D. (1978), *The Kleinian development*, Perthshire, Clunie Press.
8. PINES, M. (1985) *Bion and group psychotherapy*, Londres, Routledge & Kegan Paul.
9. PY M. SILVA, L.A. (1982), *Ordem ou progresso*, Alter, Brasília, XII:19-23.
10. RIOCH, M. (1970), *The Work of Wilfred Bion on groups*. In Progress in group and family therapy, edited by Sager, C. & Kaplan, H.S., New York, Brunner/Mazel, Inc., 1972.
11. SCHERMER, V.L. (1985), *Beyond Bion: the basic assumption states revisited*, in Bion and group psychotherapy, edited by Pines, M.
12. SUTHERLAND, J.D. (1985), *Bion revisited: group dynamics and group psychotherapy*, in Bion and group psychotherapy, edited by Pines, M.
13. TRIST, E. (1985), *Working with Bion in the 1940s: the group decade*; In Bion and group psychotherapy, edited by Pines, M.
14. WILSON, S. (1983), *Experiences in group: Bion's debt to Freud*, Group Analysis, XVI: 152-7.

Contribuições de Pichón-Rivièrè à psicoterapia de grupo

TRADUÇÃO: LIANA DI MARCO

Pichón-Rivièrè contribuiu de muitas maneiras para a psicoterapia de grupo. É importante resgatar a evolução histórica desses legados. Os primeiros provêm de suas experiências com grupos familiares, que começam já na década de 30 quando, sendo ainda estudante de medicina, trabalha no asilo de Torres, uma instituição dedicada a crianças oligofrênicãs. Nessa investigação, descreve uma síndrome à qual denomina *Oligotímia*. Os oligotímicos tinham uma aparência rosada e muito bonita, diferente dos oligofrênicos, que possuíam uma base orgânica e estigmas físicos degenerativos. Entretanto, os oligotímicos eram possuidores de um grau de retardo mental significativo. Aí Pichón começa suas primeiras investigações sobre o grupo familiar dessas crianças, descobrindo que o retardo é causado, nesses casos, por carências afetivas sofridas na tenra infância, no seio do grupo familiar. Sua investigação no grupo familiar continua quando se torna Chefe no Serviço de Admissão do *Hospício de las Mercedes*, nos primórdios da década de 40, onde observa de perto o estado do paciente no momento da internação. Recebe-o em estado de crise e assiste à eclosão ou reativação do processo psicótico. E é quando a presença ou a ausência da família torna-se sempre significativa: pela maneira em que se dá a presença ou formas de interação ou pela própria ausência da família. E é neste momento que começa a investigar o quadro do abandono familiar, da segregação do doente mental, o confinamento no hospício e logo o "hospitalismo", quando os pacientes se negam a sair porque não querem voltar ao grupo familiar.

De alguma forma, era a percepção de que era no hospital que haviam se tornado doentes e que enquanto não modificassem essa situação originária correriam o risco de voltar a ficar doentes. Todavia, essa forma de abordagem da enfermidade,

* Exerce sua atividade em Buenos Aires, Rep. Argentina.

dava-se de uma maneira assistemática, espontânea. Em seguida, Pichón-Rivièrè agrega a si a tarefa de Chefe da sala do Serviço de Adolescentes, cuja data de criação não está bem delimitada — entre 43 e 44 — sendo fechado em 47 por razões políticas. Nessa época, indaga a relação entre a enfermidade, esquizofrenia na maioria dos casos, e a situação familiar. Investiga o tipo de vínculo, a situação desencadeante e observa as situações de perda ou de privação como constante.

Tais hipóteses de Pichón começam a tomar forma; desde então desenvolve sua noção de grupo interno, que se manifesta no vínculo transferencial. Grupo interno como cenário no qual são recriados objetos, relações, vínculos. E começa a desenvolver sua hipótese do porta-voz. Existe uma relação de causalidade não linear, e sim dialética, entre a estrutura e a dinâmica do grupo familiar, e a estrutura e dinâmica do grupo interno ou mundo interno do porta-voz. Surge, então, a noção de porta-voz, que é fundamental. Hoje em dia falamos de paciente identificado de acordo com as novas correntes; porém, já naquela época (estamos falando da década de 40), Pichón começa a usar o termo *porta-voz* para se referir ao doente mental como depositário. Aparece o jogo das três letras *D*, onde o doente mental surge como o "depositário" de todas as patologias e ansiedades do grupo familiar, as quais são as "depositantes". E o que depositam, ou o "depositado", são justamente essas ansiedades, essa patologia.

Passemos, agora, a revisar a conceptualização teórica de tais experiências e sua aplicação no campo da dinâmica de grupos.

RESISTÊNCIA À MUDANÇA

Todo processo de cura implica mudança. A atitude diante da mudança pode ser positiva e falamos, então, de atitude mutante; ou negativa, à qual chamamos de resistência à mudança. Frente às situações de mudança, surgem os medos básicos: o medo da perda e o medo do ataque. O primeiro é o medo de perder o que já se tem (por exemplo: marcos referenciais prévios, benefícios secundários do sintoma, adaptações passivas à situação de enfermidade, etc.). O segundo é o temor frente ao desconhecido, que pode ser perigoso, e diante do qual sentimos que não estamos instrumentados para manejar com a nova situação.

Ambos os medos se conjugam no dito popular: "mais vale o mal conhecido do que o bom por conhecer".

Ao medo da perda corresponde a aparição de uma ansiedade depressiva, e ao medo do ataque a aparição de uma ansiedade paranóica ou persecutória. Quando o montante de tais ansiedades é muito elevado, determina a aparição da resistência à mudança. Para Pichón essas ansiedades funcionam como obstáculos epistemofílicos (modificando a noção de obstáculo epistemológico de Bachelard, isto é, aqueles que perturbam a aprendizagem a partir de uma problemática emocional-afetiva). E quando falamos de aprendizagem, entendemos todas as aprendizagens, desde as primeiras realizadas pelo bebê, na sua relação com a mãe, passando pela aprendizagem

de papéis no grupo familiar, e por todas as que realiza no seu processo de adaptação ativa à realidade.

Dizíamos que todo o processo de cura implica mudança. A psicoterapia de grupo não escapa a esta regra universal.

A técnica de grupos operativos centra-se na mobilização de estruturas estereotipadas e das dificuldades de aprendizagem e comunicação produzidas pelo montante de ansiedade, que provoca toda a mudança.

Por essa mobilização, captamos no aqui-agora-comigo, e na tarefa de grupo, o conjunto de afetos, experiências e conhecimentos com os quais os integrantes de um grupo pensam e atuam, seja no nível individual ou grupal.

No grupo operativo, instrumento adequado para abordar a doença, coincidem o esclarecimento, a comunicação, a aprendizagem e a resolução da tarefa, já que através desta última é possível resolver as situações de ansiedade.

Retomemos agora o que se refere aos medos básicos, referindo-nos mais especificamente ao Eu do sujeito. No grupo operativo instrumenta-se um processo terapêutico que passa, fundamentalmente, pela diminuição dos medos básicos, em termos de medo do ataque ao Eu e medo da perda do objeto. Esses medos paralisam o Eu e o tornam impotente. Através da técnica operativa se fortalece o Eu do paciente, conseguindo-se, assim, uma adaptação ativa à realidade.

Essa técnica hierarquiza como tarefa grupal a construção de um ECRO (esquema conceptual, referencial e operativo) comum, condição necessária para estabelecer uma comunicação a partir da afinidade dos esquemas referenciais de emissor e receptor. Elaborar o ECRO comum implica um processo de aprendizagem.

A tarefa depende do campo operativo do grupo. Se se trata de um grupo que se refira à aprendizagem de qualquer disciplina, a tarefa consiste na elaboração e resolução das ansiedades relacionadas com a abordagem do objeto do conhecimento, facilitando, desta maneira, a incorporação de uma informação realmente operativa.

Em um grupo terapêutico a tarefa é resolver o denominador comum da ansiedade do grupo, que, em cada integrante, toma características particulares.

Se a tarefa é a cura, os membros do grupo a compartilhar um ECRO podem reparar as redes de comunicação danificadas no processo de adoecer, podem reaprender, fortalecer seu Eu e superar a resistência à mudança. A avaliação dessa etapa é realizada com base nos critérios de adaptação ativa à realidade, que implica a possibilidade de o sujeito modificar-se a si mesmo, ao mesmo tempo em que modifica o meio, numa integração dialética mutuamente transformadora que se retroalimenta. Quer dizer, o sujeito é modificado pelo meio ambiente (neste caso, o ambiente é o grupo, que cumpre, por conseguinte, uma ação corretiva), porém o mais importante é que ele, por sua vez, transforma-se num agente de mudança.

OS PAPÉIS – VERTICALIDADE E HORIZONTALIDADE

A partir daí, os papéis, de fixos e estereotipados, passam a ser funcionais, intercambiáveis e operativos. O grupo adquire, assim, uma dinâmica mais fluente da

tarefa e cada paciente adquire uma consciência de sua própria identidade e da dos demais. No grupo se dá um jogo de adjudicação e assunção de papéis. A plasticidade dos papéis permite assumir papéis complementares e suplementares.

Na medida em que um grupo operativo se propõe a cura de seus integrantes, centra-se na ruptura dos estereótipos dos mecanismos de adjudicação e assunção de papéis e os pacientes conseguem, assim, modificar seus vínculos internos e externos.

O grupo operativo está centrado na tarefa e sua finalidade é aprender a pensar em termos de resolução das dificuldades manifestadas no campo grupal, e não no de cada um de seus integrantes, o que seria uma psicanálise individual em grupo.

Entretanto, tampouco está centrado, exclusivamente, na dinâmica de grupo tal como nas concepções gestálticas, mas sim que em cada aqui-agora-comigo na tarefa se opera em duas dimensões, constituindo assim uma integração de diferentes correntes. O paciente que enuncia algo é, ao mesmo tempo, porta-voz de si mesmo e das fantasias inconscientes do grupo. Tecnicamente, as interpretações se realizam, por conseguinte, em duas direções: por um lado, interpreta-se o porta-voz, que por sua história pessoal é muito sensível ao problema subjacente e que, atuando como radar, detecta as fantasias inconscientes do grupo e as explicita. Por outro lado, assinala-se que o explicitado é também um problema grupal, produto da interação dos membros do grupo entre si, com o terapeuta e com a tarefa. E que o porta-voz, por um processo de identificação subliminar, percebe e enuncia. Quer dizer que, uma vez assinalados os aspectos individuais ou mobilizantes do porta-voz, a interpretação desvelará os aspectos grupais latentes, adquirindo, desta maneira, uma dimensão horizontal.

Dá-se, assim, a articulação de dois níveis no grupo: a verticalidade e a horizontalidade. A verticalidade está relacionada com a história, com o pessoal de cada integrante, que permite assumir certos papéis que foram adjudicados pelos demais.

A horizontalidade é compartilhada pelo grupo, o denominador comum que os unifica, que pode ser de natureza consciente ou inconsciente. Quando são de natureza inconsciente, denomina-se-lhes universais de grupo ou fantasias básicas universais.

A verticalidade de cada integrante, o individual, sua história, o colocam em situação de estabelecer uma falsa conexão ou reatualização emocional, operando-se, assim, um processo transferencial.

Em outras palavras, certos fatos presentes do aqui-agora-comigo do grupo reatualizam acontecimentos históricos de cada um dos integrantes; em cada situação emergirão distintos integrantes, que se converterão em porta-vozes do conflito que é vivido como próprio por cada um, mas que denuncia, ao mesmo tempo, o conflito da situação grupal em relação à tarefa. Às vezes, esta situação grupal somente pode ser decodificada através do verbalizado ou atuado por vários porta-vozes.

A verticalidade do sujeito e a horizontalidade do grupo se conjugam no papel. A interpretação deverá, por conseguinte, tal como dizíamos antes, incluir vários níveis, já que o porta-voz enuncia o problema na medida em que, por sua história pessoal, encontra-se perto deste conteúdo (1).

O PORTA-VOZ

O conceito de porta-voz, tal como assinaei, historicamente, começa com o estudo realizado por Pichón com os grupos familiares dos pacientes no hospital neuropsiquiátrico. A doença mental não é a de um indivíduo isolado, mas o resultado da patologia de seu grupo familiar. O doente desempenha um papel, é o porta-voz dessa situação, e se dá o jogo das depositações, o jogo das três letras *D* (já mencionado). Ao ser depositário de aspectos negativos ou atemorizantes do grupo, é transformado em bode expiatório e aparece o fenômeno da segregação. O doente é segregado do grupo familiar.

O montante de segregação dependerá do tipo de ansiedade predominante. Se predomina a ansiedade depressiva, significa que a família ainda tem certa capacidade de integração e de tolerância da ambivalência; o grau de segregação é menor (em geral dentro de casa). Em troca, se predomina a ansiedade paranóica, a família maneja com um mecanismo de dissociação altamente persecutório; o grau de segregação é maior e o doente é expulso de casa e “depositado” numa instituição.*

A partir de tudo isto, Pichón estende o conceito de porta-voz aos grupos operativos. Porta-voz é aquele que num determinado momento diz algo, e o que diz ou faz é o signo de um processo grupal que estava latente. O porta-voz não tem consciência do significado grupal que possui o que enuncia. Existe, aí, um jogo de palavras: o porta-voz, com o que “enuncia”, “denuncia”. Quer dizer, ele diz algo que vive como próprio; porém, subliminarmente, percebe algo que acontece no grupo e pode expressá-lo, porque, devido à sua história pessoal, encontra-se mais perto que os demais da referida cena. Ele denuncia o acontecer grupal, as fantasias, ansiedades e necessidades do grupo. Fala não somente por si, mas por todos, e nele se conjugam, por conseguinte, a verticalidade e a horizontalidade.

Qualquer acontecimento que sucede no grupo é uma manifestação do conteúdo implícito da situação grupal, que se realiza através do exposto por um ou vários integrantes que atuam como porta-vozes, desnudando ou denunciando, assim, o latente da referida situação. Por isso Pichón chamava o porta-voz de alcagüete — ou trovador-radar — do grupo. Ao desnudar seu segredo, mostra-nos, ao mesmo tempo, o conteúdo implícito da fantasia grupal.

Analisando a *Poética*, de Aristóteles, Pichón estabelece uma comparação entre a relação porta-voz-grupo e a “delegação expressiva” que se dá no teatro grego, através da relação protagonista (porta-voz-coro). (1)

Delegação expressiva consiste na deposição de fantasias, ações, pensamentos ou emoções em alguém que as coloca em evidência através da desocultação.

* Existe uma característica paradoxal do porta-voz no grupo familiar. Aparentemente, é o membro mais débil da família; porém, na realidade, é o mais forte, já que é quem suportou o peso da deposição maciça de todos os demais. O que ocorre é que num determinado momento não agüenta mais e fica doente. É como o corpo humano: há certos órgãos que costumam ser depositários de todas as tensões, e chega um momento no qual a quantidade de deposição supera sua resistência, fazem o *crack* e aparece a doença (úlceras, infarto, asma, hipertensão, etc.). Para compreender melhor o que é “forte” ou “débil”, eu costumava dizer que o porta-voz é o mais forte, já que é quem agüenta a deposição, porém “situacionalmente” é o mais “débil”, já que é o que, no final, adocece.

Aristóteles descreve a criação dramática como uma “arte destinada a melhorar os homens, mediante o exemplo evidente, espetacular, de males que, ao acontecer aos outros, podem também acontecer a nós”.

No teatro grego os espectadores participavam ativamente, e, ao contemplar o espetáculo, realizavam ao mesmo tempo uma verdadeira catarse emocional. Este processo realiza-se por identificação com o porta-voz-protagonista. Aristóteles o considerava como um tipo de terapia, sendo a forma mais antiga que se conhece de psicodrama.

No grupo operativo ocorre algo similar. O grupo atua como espectador-participante frente ao porta-voz que emerge e que representa o ator. Produz-se, assim, no grupo, um processo de identificação múltipla.

Em um momento do acontecer grupal aparece no cenário (que seria o grupo), um duplo acontecimento: benéfico e catastrófico.

A catástrofe externa põe tudo em revisão (poderia ser uma situação de perda atual ou desencadeante). A catástrofe interna é a depressão básica, tal como explicaremos mais adiante.

Logo aparecem outros personagens, que na tragédia grega vão se reunindo em dois subgrupos: o branco, que representa a vida e o amor (Eros), a construção, a criatividade, o reconhecimento, a gratidão (isto é, o bom); e o preto, que representa a morte (Tánatos), o ódio, a destrutividade, a inveja, a ingratidão (isto é, o mau).

O subgrupo preto prepara uma armadilha ao branco, e, às vezes, este contrata. Isto constitui as já mencionadas estratégias táticas técnico-logísticas.

Como na tragédia grega, as peripécias entre brancos e pretos seguem um desenvolvimento no qual se intermisturam, se intercambiam, passam por estádios “cinza” e se escurecem, até que a situação se esclareça.

Há um magnífico desenho de M.C. Escher, intitulado *Encounter*, que mostra claramente essa categoria de passagem que se dá entre os subgrupos brancos e pretos. (2) Em outras palavras, ninguém é totalmente bom ou mau. Na situação grupal, os “bons” de hoje podem ser os “maus” de amanhã, e vice-versa.

Vou fazer, agora, um breve comentário comparativo com a escola francesa (Anzieu, Kaes, etc.), que retoma o conceito de ressonância fantasmática exposto por Foulkes como ressonância inconsciente, em 1948, e por Ezriel como ressonância fantasmática, em 1951, os quais aplicam ao grupo o princípio de ressonância tirado da física. Em 1450 aparece o conceito de ressonância acústica, que em 1862 é ampliado pelo físico Helmholtz, que o estende ao campo da óptica e da eletromagnética. (3)

Um sistema físico pode ser colocado em vibração ainda com uma frequência muito distanciada de sua frequência atual. Este efeito é fraco, porém aumenta à medida que a frequência excitadora se aproxima da frequência natural do sistema, e quando se localiza na referida frequência natural o sistema entra em “ressonância”.

Para tornar esta noção mais didática, dou ao leitor o exemplo prático da música. Recordo que na escola, nas aulas de música, a professora, antes de começar, tocava um diapasão. Lembro que nós, crianças, brincávamos de roubar os diapasões da

professora e os fazíamos vibrar por ressonância. Isto é, um tocava o diapasão, colocava-o perto de outro e, sem ter sido tocado, o outro diapasão começava a vibrar; e no caso de se ter vários diapasões, a vibração vai se estendendo por ressonância a todos. Esse fenômeno depende da longitude de braços de cada diapasão; quanto mais próxima seja a longitude de braços entre um diapasão e outro, mais facilmente e à maior distância vão começar a vibrar por ressonância.

No grupo alguns membros vão servir a outros como suportes para suas pulsões, isto é, pontos de identificação com os quais um integrante pode identificar-se com outro.

Nisto se baseia a ressonância fantasmática, que é o agrupamento de alguns membros sobre um, ao qual se denomina "portador", que lhes faz ver, através de suas palavras ou condutas, seus fantasmas (fantasias) individuais inconscientes.

Todo o discurso do grupo pode ser entendido como o colocar em cena o fantasma daquele que é o portador, ao qual alguns respondem, ocupando posições incluídas no cenário do portador.

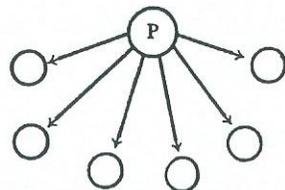
O portador põe sobre o cenário do grupo suas fantasias inconscientes, quer dizer, emite, projeta e provoca nos demais determinadas reações. Se nos demais integrantes ecoa o fantasma que este sujeito coloca em cena, se engancham, começam a "vibrar" por ressonância e ocupam um lugar na cena que o portador propõe.

Isto é possível porque os grandes temas do inconsciente são poucos e são universais. Os intercâmbios acontecem com aqueles que estão mais próximos do tema proposto.

Para Ezriel a ressonância fantasmática se dá quando várias pessoas se encontram, cada uma projeta sua fantasia inconsciente sobre as outras e trata de fazê-las atuarem de acordo com seus fantasmas.

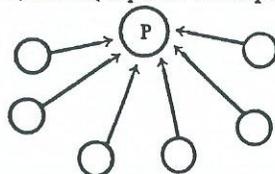
Se os demais jogam o papel adjudicado, estabelece-se uma "tensão comum", e as interpretações se referirão ao denominador comum das fantasias inconscientes de todos os membros.

Podemos representar isto, graficamente, através do seguinte esquema (centrífugo):



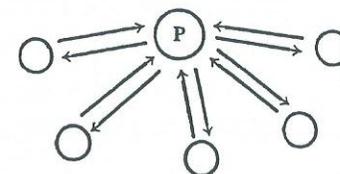
P = Portador

Se recordamos, agora, o enfoque de Pichón-Rivière sobre as três letras *D*, o representamos, graficamente, assim (esquema centrípeto):



P = Porta-voz

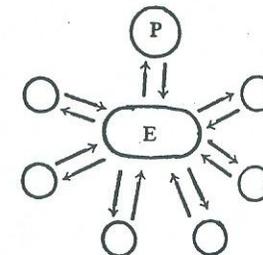
Porém, se a este esquema juntamos o desenvolvido por Pichón a respeito do teatro grego, o esquema ficaria assim (centrífugo-centrípeto):



P = Porta-voz - Portador

Este esquema é a forma com que eu interpreto a visão de Pichón a respeito do porta-voz, mesmo quando Pichón não explicita o conceito de porta-voz tal como a escola francesa.

Entretanto, pensei em um outro possível enfoque que abarca a noção de emergente (será desenvolvida mais adiante em termos de situação). Nesse enfoque, o central é a situação do grupo (emergente), e os porta-vozes, por um lado, se configuram ao redor desta, e por outro, são aqueles que determinam sua estruturação.



P = Porta-voz - Portador
E = Emergente

Simplifiquei o esquema com um só porta-voz com o fim de torná-lo mais didático, porém não podemos nos esquecer de que muitas situações se estruturam através de vários porta-vozes.

UNIDADE DE OPERAÇÃO: EXISTENTE-INTERPRETAÇÃO-EMERGENTE

Lucien Goldman, na sua exposição sobre o método estruturalista genético, assinala que este parte da hipótese de que todo o comportamento humano é um ensaio de dar uma resposta coerente e significativa, uma resposta adaptativa a uma dada situação, e que tende a criar uma situação de equilíbrio entre o sujeito e o meio que o cerca. Esse equilíbrio é precário, já que as condutas modificam o meio, e este, por sua vez, exige novas respostas adaptativas que engendrarão, por sua vez, novas tendências ao equilíbrio. As realidades humanas, a história toda, aparecem, então, como um processo duplo: desestruturação de articulações anteriores, de relações internas prévias, e estruturação de novas situações. A leitura de um processo implica, então, iluminar que tipo de estruturação se abandona e que tipo de reestruturação se obtém.

Vejamos, agora, como Pichón desenvolve o conceito de emergente. Em princípio, assimila porta-voz e emergente. O ponto de partida de sua especulação é a emergência da doença mental no grupo familiar. O doente é o "emergente" de uma situação.

Mais tarde, em 1960, em "Estrutura de uma escola destinada à formação de psicólogos sociais" (4) o define como "conduta nascida da organização de diferentes elementos, acontecimento sintético e criador que aparece como resposta à interpretação". Em 1970, em "Transferência e contratransferência na situação grupal", (5) o descreve como uma qualidade nova que aparece no campo e que como signo nos leva ao implícito da interação grupal. Então, a situação grupal de enfermidade é "o emergente", e o porta-voz é o veículo através do qual se manifesta este emergente.

Isto é, que na unidade de operação devemos distinguir o *existente*, que é toda a situação dada no grupo. É algo que aparece em um dado momento. Se vemos a etimologia da palavra, provém do infinitivo, do latim *ex(s)istere*, que quer dizer: sair, deixar-se ouvir, nascer, sobrepor-se a. Se é tudo o que existe, abarca tanto o explícito como o implícito da situação grupal.

Este existente compreendido pelo agente corretivo motiva nele uma *interpretação* que propõe uma nova perspectiva que esclarece as dificuldades e que modifica as situações, mudança que se expressa num *emergente* que fecha o ciclo.

Isto é, que o emergente surge como resposta à interpretação; é a estruturação de uma nova situação grupal. É o signo do processo de desestruturação de uma situação prévia e da reestruturação de uma nova.

Neste estruturar-se-desestruturar-se, o emergente é uma qualidade nova que aparece no campo, e nos leva como signo a relações implícitas, as causas de sua produção.

É um acontecimento sintético na medida em que organiza elementos do campo, e também como superação de antítese. É signo, na medida em que permite decifrar a significação do que sucede no dito campo.

Porém, este emergente constitui, ao mesmo tempo, o último passo de um ciclo anterior e o primeiro de um novo ciclo. Isto é, transforma-se em um novo existente que dá lugar a um novo ciclo. Cumpre-se, assim, a espiral dialética da dinâmica grupal, onde a cada volta da espiral passa pelos mesmos pontos, porém num nível mais amplo, que abarca, contém os anteriores.

NOÇÕES DE PRÉ-TAREFA, TAREFA E PROJETO

Outro aspecto da dinâmica grupal é que, às vezes, o grupo se estereotipa como defesa, frente à ansiedade que gera a possibilidade de mudança, na medida em que este significaria enfrentar as ansiedades psicóticas mais graves que se manifestam sintomaticamente.

Aparece, assim, um momento do grupo, que denominamos pré-tarefa, no qual predominam os mecanismos de dissociação com instrumentação das técnicas esqui-

zo-paranóides, dissociando por um lado o bom do mau com o fim de preservar o bom, e, por outro lado, dissociando o sentir do pesar e do fazer.

O latente por trás dessa dificuldade é a tentativa de iludir a elaboração do núcleo depressivo. Todos os mecanismos da pré-tarefa são dispositivos de segurança que tratam de pôr a salvo o sujeito dos sentimentos de ambivalência e culpa e do sofrimento próprios da situação depressiva básica.

Por conseguinte, o que caracteriza esta etapa são as diferentes formas de não entrar na tarefa, mecanismo de postergação que oculta a dificuldade em tolerar a frustração de iniciar e terminar tarefas, o que traz, paradoxalmente, uma constante frustração.

O momento da tarefa consiste na elaboração de ansiedades e a emergência de uma posição depressiva básica na qual se pode abordar o objeto de conhecimento, ao romper-se a pauta de estereotipia e dissociação que estancou o processo de aprendizagem e deteriorou a rede de comunicação.

A tarefa é o âmbito da elaboração dos quatro momentos da função operativa: estratégia, técnica, tática e logística. Em seguida à elaboração da estratégia operativa no mundo interno e sobre a base dita de planejamento, o sujeito (ou o grupo) pode orientar a ação futura, isto é, aparece o projeto emergindo da tarefa.

Outro aspecto que consideramos como índice da operatividade do grupo é o grau de criatividade. Esta se dá na medida em que se enfrentam tarefas novas com técnicas diferentes — o que implica possibilidade de aprendizagem —, rompendo-se assim os estereótipos e fazendo-se, desta forma, o grupo mais plástico e operativo.

Uma tarefa fundamental do grupo é justamente a recriação do "objeto destruído", núcleo da depressão básica da qual são portadores os integrantes do grupo e que perturba a correta leitura da realidade.

A situação patogenética depressiva (ver o esquema: "Os sete triângulos"), ponto de partida de toda doença mental, é resolvida através da recriação progressiva do objeto destruído internamente, através da tarefa grupal.

Os processos de aprendizagem e comunicação possibilitam realizar essa tarefa, que consiste, então, na elaboração da situação patogenética não elaborada e de suas conseqüências, a regressão e fixação na etapa esquizo-paranóide, com a correspondente perturbação na leitura da realidade e o bloqueio das emoções, fantasias e afetos.

A situação corretiva permite aos integrantes do grupo uma aprendizagem da realidade com uma progressiva adequação dos esquemas referenciais dos diferentes membros, o que lhes permite uma percepção de si mesmos e dos outros não distorcida pelo modelo arcaico e repetitivo do estereótipo. Ao conseguir esta percepção, diminuem as ansiedades básicas, e o sujeito modifica sua atitude diante da mudança, fazendo-a menos resistente. Neste processo de maturação emergirá o projeto.

Na aplicação da técnica do grupo operativo no campo mais específico do ensino, as noções de pré-tarefa, tarefa e projeto adquirem algumas características particulares.

Na pré-tarefa se dá uma desculpa da tarefa prescrita (neste caso: trabalhar sobre a aula), se dá voltas ao redor do tema sem entrar de cheio, divaga-se.

Este é um momento normal em todo grupo. Porém, se o grupo permanece aí, se adota estereótipos, a produtividade grupal se anula. Na pré-tarefa aparecem os medos básicos e suas ansiedades correspondentes, que funcionam como obstáculos epistemofílicos. Frente ao novo e desconhecido da informação, e à proposição de mudança no que diz respeito aos sistemas clássicos de aprendizagem, aparecem a resistência à mudança e os mecanismos de dissociação próprios desta etapa.

Neste momento o grupo se vê pressionado por duas exigências de signo contrário. Por um lado, a resistência à mudança (seguir com o anterior) e, por outro, o projeto (o novo, o que vai vir). Isto gera no grupo uma tensão que, às vezes, é resolvida através de situações transacionais: o grupo entra no embuste, no "como se" estivessem na tarefa. Porém, se vê que não é assim, pela excessiva distância ou pela intelectualização com que se trata o tema. (E pela dissociação entre o sentir, o pensar e o atuar.)

Também pode acontecer que o grupo introduza-se direto na tarefa, sem passar pela pré-tarefa. Isto pode ser uma conduta contrafóbica, motivada pela ansiedade persecutória.

Tarefa: este conceito inclui algo mais do que trabalhar o tema da aula. Inclui a tomada de consciência ou *insight*, através da elaboração dos medos básicos. Isto é, há duas tarefas: uma explícita (reelaborar a informação), e outra implícita (elaboração das ansiedades e ruptura dos mecanismos de dissociação que perturbam o processo de aprendizagem). A primeira não se pode dar bem sem a segunda. É assim que se produz a abordagem do grupo ao objeto do conhecimento.

A tarefa é o âmbito onde se elaboram os quatro momentos da ação operativa: logística, tática e técnica. A logística é a observação do campo inimigo (neste caso, a resistência à mudança), o que nos permite detectar quais são as forças contra as quais vamos lutar. A estratégia é o planejamento de longo alcance. Quais são os objetivos finais e qual é o trajeto que devemos seguir para chegar a eles? A tática é a forma com que empregamos esse plano na prática. São os passos que vamos dando, o momento, o lugar e a maneira como são dados. Tudo isso requer "tato". A técnica são os diferentes recursos ou instrumentos, e as formas como são utilizados para se operar no campo. Esses quatro passos podem ser sucessivos ou simultâneos; se a tarefa sai mal é preciso averiguar em qual deles existe dificuldade.

Projeto: ao elaborar uma estratégia operativa, o grupo orienta a ação e aparece o projeto emergindo da tarefa, o que permite um planejamento para o futuro. O grupo se propõe objetivos que vão mais além do aqui e agora. Porém no aqui e agora esse projeto indica superar a situação de perda (ou de morte) que sentem, ao se darem conta de que terminaram a tarefa e que se aproximam da finalização do grupo e da separação. (1) (4) (6)

TRANSFERÊNCIA A NÍVEL GRUPAL

No grupo operativo é fundamental analisar os fenômenos transferenciais levando em conta a relação do grupo com a tarefa.

A transferência no âmbito individual implica que certos fatos do passado, com seus afetos correspondentes, sejam transferidos pelo paciente, no presente, sobre o terapeuta. É o famoso: "aqui-agora-comigo", tal como antes foi em outro lugar e com outro; é reproduzido o mesmo afeto que forçou, no passado, a desterrar, um desejo e provocou um estancamento da aprendizagem no processo de apropriação da realidade.

Dá-se, então, o que Freud chamou de falsa conexão e aparece o "como se". A neurose transferencial acontece na relação de dois, e o terceiro atua aqui por exclusão.

Se traduzíssemos tudo isso em termos grupais, poderíamos dizer que "a transferência é um processo de adjudicação de papéis inscritos no mundo interno de cada sujeito", é a manifestação de sentimentos inconscientes que indica a reprodução estereotipada de situações, característica da adaptação passiva. Essa reprodução está a serviço da resistência à mudança destinada a controlar os medos da perda e do ataque. Aqui não falamos de neurose transferencial, mas de processos transferenciais que se dão no grupo, e os terceiros atuam por presença.

Para Ezriel, quando se constitui um grupo, cada um dos integrantes projeta suas fantasias inconscientes sobre os demais, relacionando-se com eles segundo essas projeções, que se evidenciam através dos mecanismos de adjudicação e assunção de papéis.

As fantasias transferenciais se manifestam através dos porta-vozes que, através de suas intervenções, dão elementos ao terapeuta para decodificar a adjudicação de papéis. (5)

GRUPOS OPERATIVOS TERAPÊUTICOS

Uma antiga problemática que se suscita é a que se refere a saber se um grupo operativo é um grupo terapêutico. Para Pichón o grupo operativo é um instrumento de trabalho, um método de investigação e cumpre, além disso, uma função terapêutica. Esta última função originou numerosas confusões.

Uma tarefa realizada com eficiência tem, indubitavelmente, qualidades curativas, mas se através dela se esclarecerem as dificuldades de cada integrante frente aos obstáculos.

Assim, qualquer déficit ou distorção na personalidade do sujeito, e, por sua vez, todos os transtornos da personalidade, são transtornos da aprendizagem. O grupo operativo tende, ao romper com os estereótipos, a possibilitar uma reaprendizagem.

Quando a técnica operativa é aplicada a um projeto terapêutico no qual, implicitamente, a tarefa é a cura, a função terapêutica do grupo é óbvia.

Os grupos operativos, em geral, em qualquer de seus múltiplos campos de aplicação, apontam como objetivo identificar os obstáculos que a tarefa oferece ao grupo. Pichón costumava dizer que não se trata tanto de "curar", mas de "resolver" os

obstáculos que freiam o desenvolvimento do indivíduo no grupo, isto é, colocá-lo em melhores condições de encontrar as próprias soluções.

A confusão na qual às vezes se cai, quanto a se um grupo é terapêutico ou operativo, é uma confusão em parte terminológica e em parte de conteúdo. Não existe, na prática, tal diferenciação. O que caracteriza o grupo operativo é uma modalidade técnica, que consiste, fundamentalmente, nas características expostas anteriormente: grupo centrado na tarefa, interpretações em verticalidade e em horizontalidade, elaboração das ansiedades depressivas e paranóides, ruptura dos estereótipos, reparação das redes de comunicação, superação da resistência à mudança, leitura crítica da realidade, formação de critérios de adaptação ativa, avaliação em termos dos vetores do cone, mobilidade de papéis, unidade de operação (existente-interpretado-emergente), enquadramento de tempo e espaço, papéis fixos (coordenador e observador) e não fixos (restante dos integrantes), etc.

Então esta técnica pode ser aplicada a um grupo, qualquer que seja sua tarefa: ensino das diferentes disciplinas, teatro, música, esportes, empresas, terapia, etc.

A diferença reside, fundamentalmente, na tarefa explícita que o grupo se propõe a realizar.

Em um grupo terapêutico a tarefa é a cura, e o grupo estará centrado nisso.

A confusão provém do fato de que em outros grupos (ainda que a tarefa não seja a cura) somente o fato de resolver os obstáculos e realizar uma aprendizagem já é terapêutico por si só. Porém, nesses casos, trata-se somente de um efeito. Poderíamos dizer que toda aprendizagem é terapêutica, sem temor de nos equivocarmos.

O grupo operativo que consegue se constituir numa equipe que aprende, conseguiu retificar vínculos estereotipados, e, por conseguinte, um certo grau de efeito curativo.

O problema surge quando num grupo operativo de aprendizagem se produz um desvio dos objetivos e o grupo se transforma, sem se dar conta, em um grupo terapêutico. Isso pode ocorrer quando o coordenador estabelece mal o enquadramento, ou quando desenvolve um mau manejo técnico do grupo, levando-o a modalidades regressivas. Já vi esse tipo de situação, quando o coordenador de um grupo de aprendizagem sente-se obedecendo ordens a partir do grupo e a partir da instituição, de diferentes maneiras. A instituição oferece, aos alunos, formarem-se em uma disciplina (por exemplo, Psicologia Social), através do trabalho em grupo. Se os alunos se fascinam com o trabalho propriamente dito, se seu objetivo não é aprender Psicologia Social, mas estar em grupo, o coordenador pode se ver enganado no seu objetivo e assume o papel adjudicado de terapeuta. Nesses casos, desvirtua-se o objetivo do grupo, perde-se a tarefa (explícita), e o grupo cai no que chamamos de "grupismo" ou "umbiguismo" (grupo centrado exclusivamente em si mesmo).

E aqui entramos no tema central dessa discussão: regressão ou progressão?

Em um grupo terapêutico "clássico" privilegia-se na tarefa um enfoque regressivo e até se criam, tecnicamente, condições que favoreçam o desenvolvimento da regressão.

Desta maneira, qualquer situação que ocorre em um grupo terapêutico é estudada, fundamentalmente, como reflexo de outra pertencente ao passado.

Ao mesmo tempo, privilegiam-se as interpretações centrípetas (de fora para dentro). As situações grupais são analisadas como reflexo ou dramatização de acontecimentos exteriores.

Ambas as modalidades reforçam a situação transferencial e geram um clima regressivo.

No grupo operativo se dá o contrário. Privilegia-se o progressivo ou prospectivo na tarefa. Todo acontecimento que surge no grupo é um ensaio do que se realizará em seguida e fora do grupo. Aqui se privilegiam as interpretações centrífugas (de dentro para fora).

A transferência tende mais a se resolver do que a se reforçar, na medida em que, ao privilegiar as condutas como ensaios de ações futuras e no exterior, hierarquiza-se o projeto e o grupo adquire, assim, uma dimensão prospectiva (progressão). Não esqueçamos o que explicávamos antes: o grupo operativo centrado na tarefa. E a tarefa é o momento prévio que indica o desenvolvimento de um projeto.

Entretanto, no meu entender, as coisas nunca são assim tão rígidas. Na prática, um grupo operativo pode passar por momentos regressivos; na realidade, a mesma dinâmica do grupo o vai levando a alternar-se entre ambas as polaridades. O que acontece é que, tal como dissemos, objetiva-se reforçar o pólo da progressão.

Quando um obstáculo se repete, tal como expõe Ulloa, o grupo deve revisar seus antecedentes históricos e, nesses casos, realiza-se um manejo retrospectivo do tempo. (7)

Porém, esta regressão é operativa, e, habitualmente, não ultrapassa os limites da história grupal.

Outra situação que costuma acontecer nos grupos operativos — e a qual poderíamos considerar como "regressiva" — ou como próxima a uma situação terapêutica é quando algum membro do grupo apresenta uma dificuldade ou um déficit reiterado para o desenvolvimento da tarefa, que leva a examinar o estilo pessoal e a problemática individual (verticalidade) do dito integrante.

Entretanto, recordemos, por um lado, que a interpretação dessa verticalidade vem seguida de outra interpretação da horizontalidade grupal. E, por outro, esta abordagem da verticalidade do sujeito não se centra na investigação das motivações arcaicas, mas que procura esclarecer e explicitar a referida problemática, em relação ao grau de eficiência que se alcança para o desenvolvimento da tarefa.

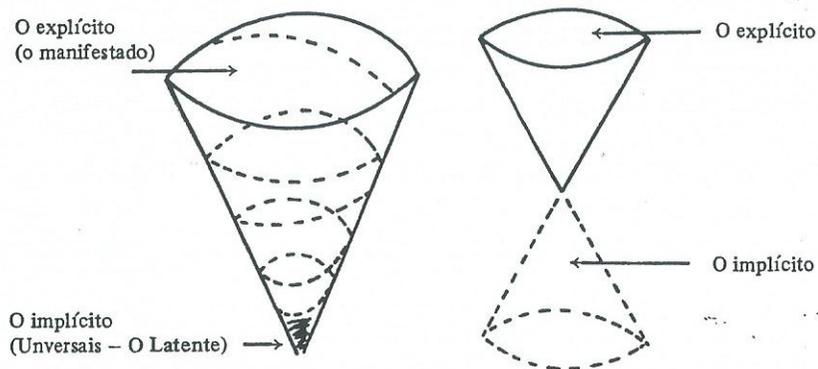
Isto é, leva-se em conta o passado, porém se hierarquiza o presente (tarefa), em função do futuro (projeto-prospecção-progressão).

Possivelmente, alguns desses conceitos não coincidam totalmente com os originalmente suscitados por Pichón-Rivière, mas são conceitos pessoais desenvolvidos a partir de suas idéias e da minha própria experiência.

Transmito ao leitor uma bibliografia com o fim de poder discriminar, em relação ao exposto, ao longo de todo o capítulo, que reflete o pensamento original de Pichón, e mais o que juntei de minha própria colheita.

OS VETORES DO CONE INVERTIDO

O esquema original do cone invertido foi desenvolvido por Pichón-Rivièrè para graficar a dinâmica entre o explícito e o implícito:

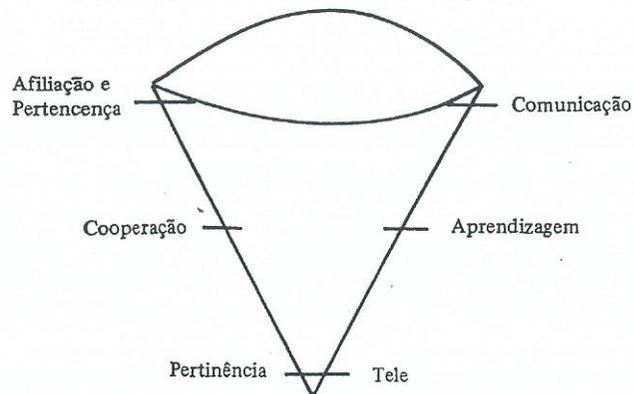


O explícito ocupa a base do cone já que, sendo o observável, obviamente é o que ocupa maior superfície visível. O implícito localiza-se no vértice. Porém, no meu entender, não é um ponto. Por isso desenvolvi uma continuação do cone para baixo, na forma de um relógio de areia com linhas pontilhadas, para representar o implícito. Desta maneira, com o implícito acontece como com o iceberg: a parte maior é a que não se vê.

O cone está invertido porque representa graficamente que o implícito está "por baixo" do explícito.

Por dentro do cone circula a espiral dialética, que representa o processo grupal e que, partindo dos universais localizados no vértice, vai ampliando-se a cada volta, abarcando diferentes níveis da dinâmica.

Posteriormente, Pichón junta ao esquema os vetores, que constituem uma escala básica de avaliação dos processos de interação grupal.



A) *Afiliação e pertencença*: aqui se estuda o grau de identificação dos membros do grupo entre si e com a tarefa. A afiliação é um primeiro grau (mais superficial) de identificação. O afiliado "não põe o corpo", guarda uma certa distância. A pertencença é um segundo grau (mais profundo), que implica encurtar as distâncias. Assim, nos encontraremos com membros do grupo que possuem pertencença, isto é, sentem-se fazendo parte do grupo, sentem-se parte de um "nós". Em troca, outros membros não possuem pertencença, mas sim são afiliados, sentem-se mais na relação "eu-eles". Às vezes, estão, e, às vezes, não; nunca se sabe se se pode contar com eles. Não passaram da afiliação para a pertencença, do eu para o nós. As motivações inconscientes que subjazem a esse vetor cavalgam sobre a base da necessidade, fundamento motivacional do vínculo. Joga-se, aqui, o conflito necessidade-satisfação, como determinante da pertencença, ao grupo. Na tarefa do grupo é importante determinar quem são os afiliados e quem possui pertencença. Sabemos, de todos os modos, que existe uma correlação permanente e direta entre os que são afiliados e os de pertencença para fazer o grande conjunto que tem de levar a tarefa adiante.

O grau de identificação com a tarefa se mede pelo grau de responsabilidade com que se assume o desempenho da tarefa prescrita, porém isto não é algo imutável. Todo aquele que tenha trabalhado com grupos sabe que os gestores ou impulsores de hoje, podem ser os conspiradores de amanhã, ou vice-versa; isto é, que os papéis de aceitação ou rejeição, como assim também os graus de pertencença, podem inverter-se no curso do processo corretivo.

B) *Cooperação*: é a capacidade de ajudar-se entre si e ao terapeuta; dá-se através do desempenho de papéis diferenciados e da forma como são assumidos esses papéis. A cooperação acontece na medida em que os papéis sejam complementares e não suplementares, já que estes últimos levam a uma rivalidade.

A cooperação é medida pelo grau de eficácia real com que cada um dos membros do grupo participa para contribuir no sucesso ou fracasso da tarefa. Eficácia real é a que se detecta na realidade que emerge nas condutas, e não a que se declara intencionalmente. É através da tarefa que se comprova quem coopera e quem obstaculiza: "É na pista de corrida que se conhece os pangarés."

C) *Pertinência*: a pertinência é a capacidade de centrar-se na tarefa, que no aqui e agora é curar-se, romper com os estereótipos, redistribuir as ansiedades, vencer a resistência à mudança, elaborar os duelos, redistribuir os papéis, etc., e que no lar se possa resolver aspectos referentes ao trabalho, à economia, à saúde dos integrantes, à saúde dos filhos, etc.

É o que permite manter no seu eixo o sentido verdadeiro do processo corretivo: que o que aparentemente é uma reunião social onde "se vai pelas normas", em um dado momento possam "voltar ao tronco"* e centrar-se na tarefa. O problema surge quando esse retorno torna-se dificultoso.

* N.T. Dois ditos populares que, noutras palavras, querem dizer ir, se deixar levar pelas aparências, mas em seguida volta-se ao "tronco", ou seja volta-se ao âmago, ao conteúdo da questão.

D) *Comunicação*: é uma das vertentes mais demonstrativas para detectar e visualizar as perturbações nos vínculos entre as pessoas. Aqui vemos as diferentes formas nas quais se relacionam entre si os membros do grupo — um por todos: líder; todos por um: bode expiatório, dois ou mais entre si, excluindo aos demais: subgrupos; todos com todos ao mesmo tempo e sem escutarem-se mutuamente: caos; todos com todos respeitando e escutando a intervenção do outro: ordem, boa comunicação.

Estudam-se, também, a não-comunicação e os curtos-circuitos no circuito comunicacional (emissor-receptor-canal-mensagem-feedback). Em uma primeira aproximação nos encontramos com um emissor, um receptor e uma mensagem que circula por um canal. Vamos, então, tratar de detectar em que parte do caminho da mensagem estão os curtos-circuitos e de esclarecer os mal-entendidos básicos tão comuns na interação grupal que se originam na comunicação, seja por dificuldades em quem emite a mensagem, ou por dificuldades na compreensão do mesmo por parte de quem o recebe.

O mal-entendido é um subentendido, que por ser tão subentendido, não é bem compreendido. Nos encontramos com situações de mal-entendidos quando:

a) não existe um ECRO (esquema conceptual referencial e operativo) comum entre emissor e receptor;

b) quando há dificuldades no emissor, no receptor ou no canal;

c) quando não se dá um ajuste entre o conteúdo da mensagem e o como se o emite (metacomunicação);

d) quando não há ajuste entre as imagens internas e a realidade exterior (correlação mundo interno-mundo externo).

Estudamos aqui os segredos que aparecem nos grupos, que é algo que todos sabem (alguns conscientemente e outros não), porém ninguém diz. Também os segredos do grupo familiar de cada um dos integrantes — aos quais poderíamos denominar, parafraseando Freud, de “a novela familiar” — são fontes de mal-entendidos. Em geral são situações vergonhosas para o grupo familiar, como pode ser a presença de alcoolistas, drogados ou algum doente mental nos antepassados; ou episódios de infidelidade, seja matrimonial, religiosa, política, etc.

É muito importante para a compreensão da dinâmica do grupo investigar como se comunicam seus membros. Para fazer esta análise, seguiremos um modelo proposto por Kesselman, (8) para indagar as modalidades da comunicação, entendendo que esta pode se dar em três níveis aos quais denominaremos, segundo o tipo de relação que o sujeito estabelece com quem se relaciona, e usando os termos das fases da libido: oral, anal e genital.

a) Nível oral: é o mais regressivo; caracteriza-se pela queixa e a reprovação constantes. Há uma permanente solicitação em relação ao outro, espera-se do outro que administre tudo. Aparecem desejos de moldar o outro com exigências de subministrar e de mudança; a expectativa de mudança é que tudo o que tem de mudar deve provir do outro. O sujeito pensa que se o outro não subministra ou muda, não é porque não pode, mas porque não quer.

Predomina, então, a ansiedade paranóide persecutória. Frente a esta situação, devemos buscar a outra ansiedade, a ansiedade depressiva que está latente.

Estes sujeitos não toleram que o outro possa dar ou não dar, não toleram a ambivalência (que o outro possa ser “bom ou mau”, gratificante ou frustrante ao mesmo tempo), e não toleram que o outro não responda ao seu desejo.

Por mais que o outro dê, o sujeito se queixa que não se lhe deu nada, ou o que se lhe deu não serve para nada, e que, em definitivo, está vazio. Porém, o latente desta situação é que ele sente que o outro está vazio porque ele o esvaziou, e que ele não lhe deu nada.

Não existe medo da perda, porque não há consciência de que se pode perder o outro. Necessita-se do outro e se está seguro, por conseguinte, de que não se vai separar dele por mais reprovações que se lhe façam. As surpresas vêm quando o outro se cansa de sempre dar, e diz chega. Estes sujeitos não valorizam o outro até o momento em que o perdem; é como se recém então pudessem reconhecer tudo o que o outro lhes dá e tudo o que significa para eles. Trata-se de um nível narcisista no qual se exige que os outros satisfaçam todos os seus desejos, e por mais que os outros se doam, sempre está presente a queixa ou a reprovação.

A frequência de interação é como a relação do bebê com o peito: várias vezes por dia (estas frequências de interação foram fixadas como exemplo).

b) Nível anal: é menos regressivo; caracteriza-se por períodos ou ciclos onde se alternam a expulsão e a retenção. Há explosões e ataques violentos em relação ao outro, que são seguidos por reações de arrependimento, acompanhadas de uma consciência piedosa e culposa de auto-acusação e de uma tentativa de reparar o dano causado. São ciclos onde se alternam as desavenças e as reconciliações.

Estes sujeitos têm uma grande dificuldade para juntarem-se ou separarem-se definitivamente. É um nível evolutivo superior ao anterior (nível oral), dentro das modalidades da comunicação, já que aparece uma reflexão que, ainda que temporária, considera a necessidade do outro. Aqui já aparece o medo da perda — há sentimentos de culpa — e sua correspondente ansiedade: a ansiedade depressiva.

A frequência destes ciclos de interação é de uma vez por semana.

c) Nível genital: é o mais evoluído ou maduro dos níveis de comunicação. Aqui prevalece a capacidade de identificação e o desejo de proteger o outro da destruição, ou de reparação se é que este foi antes atacado. Busca o grau de responsabilidade que uma pessoa tem frente ao que está acontecendo, e o que teria de mudar para que as coisas melhorem.

Neste nível existe a possibilidade de que um se coloque no lugar do outro e assim possa compreender o que acontece. Não se pretende que toda a mudança provenha do outro, mas que possam perguntar-se o que estarão fazendo cada um deles para que os outros reajam dessa maneira.

É o mais difícil de alcançar e se consegue de vez em quando.

E) *Aprendizagem*: se dá por soma da informação que cada um dos integrantes do grupo leva à tarefa.

Relacionamos este vetor com o critério de adaptação ativa à realidade, modificadora tanto do sujeito como do meio, num processo de interação dinâmica.

Entendemos, também, por aprendizagem, a capacidade do grupo e de cada um de seus integrantes, em desenvolver condutas alternativas diante dos obstáculos, isto é, a capacidade para não repetir sempre as mesmas condutas.

F) *Tele*: é um termo criado por Moreno, que significa a disposição positiva ou negativa para interatuar mais com um dos membros do que com os outros. É um sentimento de atração ou de rejeição, de simpatia ou de antipatia.

Poder-se-ia falar em termos de transferência positiva ou negativa, porém preferimos utilizar o termo *tele*, que significa uma disposição para atuar ao mesmo tempo que contém o significado de: “à distância”. Isto advém de que, ao nos encontrarmos em um grupo com os outros membros do mesmo, aparecem — “de entrada” e “à distância” — esses sentimentos de atração ou de rejeição.

É uma coisa “de pele”, sem saber bem por que sentimos simpatia ou antipatia uns pelos outros. O porquê disso está no fato de que todo o encontro é um reencontro, e nos transporta a personagens arcaicos de nosso mundo interno, isto é, a pessoas que, em algum momento, favoreceram ou perturbaram nosso desenvolvimento.

Dizemos, então, que toda situação atual é herdeira (ou herdada) de outra situação anterior. Sem saber muito bem por que cada sujeito pode se agrupar com algumas pessoas e, em troca, rejeita outras. Quando dizemos: é uma coisa de pele, é porque consideramos a pele como o órgão de choque do ser humano na sua relação com o mundo exterior e, por conseguinte, a podemos considerar na linguagem cotidiana, como a resistência de *tele*.

Dizíamos que, à distância, à primeira vista se produz uma atração ou rejeição. Na realidade, de acordo com o que expusemos anteriormente, é sempre “à segunda vista”.

Uma *tele* negativa pode perturbar muito a tarefa do grupo. Por isso é muito importante detectar o que é que se está projetando e demonstrar as profundas raízes e, às vezes, irracionais, dessa projeção.

Os vetores do cone não são compartimentos estanques. Inter-relacionam-se dinamicamente. Não estão localizados, assim, por casualidade. Têm um sentido e uma direcionalidade o fato de que estejam localizados nessa ordem.

Temos explicado tais vetores, seguindo uma ordem de cima para baixo. Para explicar mais claramente como aplicá-los à leitura da dinâmica grupal, desenvolvi um jogo ao qual denomino “o jogo do elevador”, que consiste em seguir o caminho inverso em cada uma das vertentes ou lados do cone, isto é, ir de baixo para cima.

Se detectamos uma falta de pertinência ou uma pertinência negativa (é um grupo que não pode centrar-se na tarefa), significa que algo anda mal no vetor imediato superior, na cooperação; isto é, predominam as forças do retrocesso. E se há uma perturbação na cooperação, isto nos revela que algo está falhando mais acima, no vetor pertencença; isto é, que não puderam realizar a passagem da afiliação à pertencença, do “eu” ao “nós”. Muitas vezes nos encontramos diante de situações de impostura, onde os integrantes do grupo fazem “como se” tivessem passado da afiliação à pertencença; porém, na realidade, é uma pseudopertencença.

Na outra vertente do cone, quando nos encontramos com uma *tele* negativa, que perturba a marcha do grupo na medida em que paralisa ou inibe a relação entre

os integrantes, e que aparece como irredutível, como difícil de modificar, isto significa que algo está falhando no nível superior, no vetor aprendizagem. Aí temos que nos perguntar qual é a natureza do obstáculo epistemofílico que impede de recuperar outras formas de relação afetiva distintas das que se estão repetindo, estereotipadamente. Quer dizer, não podem aprender condutas alternativas, não podem relacionar-se com os outros de uma maneira diferente. E isto nos leva ao vetor superior: algo anda mal a nível da comunicação e é preciso detectar onde estão os curtos-circuitos e os mal-entendidos que trancam o circuito comunicacional, fixando a comunicação em níveis libidinosos regressivos. Porque, como dizia Pichón, comunicação e aprendizagem caminham juntas, correm paralelas como os trilhos do trem, e toda perturbação na comunicação leva, indefectivelmente, a uma alteração no processo de aprendizagem da realidade, ponto de partida da doença mental. (4) (9)

DEFINIÇÃO DE GRUPO

Em função de tudo o que foi desenvolvido até aqui, estamos agora em condições de expor a definição de grupo.

Para Pichón-Riviére, um grupo é um conjunto restrito de pessoas que, ligadas por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, se propõem de forma explícita ou implícita à realização de uma tarefa que constitui sua finalidade, interagindo para isso através de complexos mecanismos de adjudicação e assunção de papéis.

Na realidade, esta definição é o resultado da união das definições de grupo dadas por Pichón e que eu reuni numa só, juntando alguns termos que permitem dar coerência e continuidade entre ambos.

As noções de enquadramento, tarefa e papéis foram desenvolvidas. Por conseguinte, usarei somente a de mútua representação interna ligada à noção de vínculo.

Através da interação continuada e dos processos de comunicação e aprendizagem, os integrantes vão estabelecendo vínculos, e cada um vai internalizando os demais. Dá-se o que Sartre chama de: processo de interiorização recíproca, que marca, junto com a transformação dos interesses comuns em “interesses *em* comum”, a passagem da série ao grupo. (10)

Para Pichón-Riviére, isto se dá em termos de passagem da afiliação à pertencença (que explico como a passagem do “eu para o nós”), que se produz na medida em que o grupo, por um lado, desenvolve a mútua representação interna onde cada integrante, ao ser internalizado pelos outros, passa a tomar parte do grupo interno, e cada um sabe que conta com os demais; e, por outro lado, na medida em que o grupo, em função da necessidade, fundamento motivacional do vínculo, estabelece objetivos comuns e se propõe a alcançar a realização de uma tarefa.

1) *Atitude diante da mudança* – Pode ser positiva, e então falamos de atitude mutante; ou negativa, à qual chamamos de resistência à mudança. Frente às situações de mudança, surgem dois medos básicos:

- o medo da perda
- o medo do ataque

O primeiro é o medo de perder o que já se tem; na situação de aprendizagem, seria o temor a ter de perder os conhecimentos que se tinha antes. O segundo é o temor frente ao desconhecido, que pode ser perigoso. Ambos os medos se conjugam no dito: “Mais vale o mal conhecido, do que o bom por conhecer”. Ao medo da perda corresponde a ansiedade depressiva; e ao medo do ataque corresponde a ansiedade paranóide.

2) *Didática* – Refere-se a conseguir uma aprendizagem ativa. É interdisciplinar, os grupos se constituem de integrantes de diferentes disciplinas. A regra é: “À maior heterogeneidade dos membros e maior homogeneidade da tarefa, maior produtividade no grupo”. Consideramos o grupo como o instrumento indicado para resolver as ansiedades (medo da perda e medo do ataque) geradas pela situação de mudança, que implica a aprendizagem, ansiedades que perturbam o processo, se não são resolvidas através do trabalho grupal.

Acumulativa: logo após a aula trabalha-se o tema no grupo, e o processo de aprendizagem segue, desta forma, uma progressão geométrica.

Núcleo básico: desenvolver o ensino a partir dos conceitos universais sobre os quais se baseia toda a ciência; determina uma aceleração e aprofundamento na aprendizagem.

A didática objetiva implementar os alunos operativamente. Isto é, dotá-los de instrumentos de leitura da realidade, que lhes permitam operar em termos de adaptação ativa.

3) *Vetores do cone invertido* – constituem uma escala básica de avaliação dos processos de interação grupal. Afiliação e pertencença assinalam o menor ou maior grau de identificação com a tarefa. Mede-se pelo grau de responsabilidade com que é assumida. Cooperação marca a possibilidade de somar esforços através do desenvolvimento de papéis diferenciados e complementares. Mede-se pelo grau de eficácia na tarefa. Pertinência é a capacidade de concentrar-se na tarefa: mede-se pelo grau de produtividade do grupo. Comunicação indaga as diferentes modalidades de conectar-se, e os curtos-circuitos na interação grupal, que originam os mal-entendidos. Assim como também a codificação das mensagens. Aprendizagem se desenvolve pelo legado que cada integrante dá, e se dá pelo somatório da informação. É medida pelo grau de adequação à realidade que nos permita. As perturbações na aprendizagem estão determinadas pela resistência à mudança e seus medos básicos.

Tele: pode ser positiva ou negativa; é a atração ou rejeição, simpatia ou antipatia, que snetem, de entrada, os membros do grupo, entre si. Na realidade, é um reencontro com personagens do mundo interno, que em algum momento favoreceram ou perturbaram o desenvolvimento.

4) *Verticalidade e horizontalidade* – a unidade de operação: Existente-Interpretação-Emergente. Existente é todo o presente no campo (compreende o explícito e o implícito) A interpretação torna explícito o implícito. Emergente é a nova situação que emerge da anterior, e que se estrutura a partir da interpretação.

O porta-voz é o veículo através do qual se manifesta o emergente. É aquele que denuncia o acontecer grupal; enuncia algo como próprio, sem ter consciência de que o que diz tem, também, significação grupal. Nele se conjugam a verticalidade (sua história pessoal), com a horizontalidade (o que está acontecendo no grupo). É um depositário de ansiedades e necessidades dos demais membros. Quando se depositam nele os aspectos atemorizantes, “maus”, do grupo, transforma-se em bode expiatório, e é segregado para preservar os aspectos bons, que são depositados em outro integrante, o qual assume, assim, uma liderança positiva.

5) *Momentos do grupo* – o grupo passa por um momento de pré-tarefa, onde se evita trabalhar sobre o tema. Aqui predominam as ansiedades que funcionam como obstáculo epistemológico, os medos básicos à perda e ao ataque, frente a um objeto desconhecido que devem abordar. É um momento de resistência à mudança e aí se vêem os problemas que a tarefa oferece ao grupo, o qual evita elaborar as ansiedades básicas por meio de técnicas de dissociação. Ao superar-se tais medos, entra-se na tarefa, na qual se produz a abordagem e penetração no objeto do conhecimento, sua fragmentação e posterior síntese. Há uma tarefa explícita, que é trabalhar o tema da aula; e outra implícita, que é elaborar as ansiedades que perturbam a aprendizagem. Por isso, o coordenador liga sempre temática e dinâmica. Finalizada a tarefa, pode se desenvolver o projeto, que implica a possibilidade de planejar para a ação futura.

Consideramos, também, que o grupo passa por três momentos: de abertura, de desenvolvimento e de fechamento.

6) *Universais* – São fenômenos que se dão de maneira reiterada em todo grupo. Aparecem as fantasias de enfermidade, tratamento e cura, que implicam em: “O que andará mal no grupo?”, “Como se pode modificar isso?” e “Como ficará o grupo depois?”. Essas fantasias necessitam ser elaboradas. O segredo grupal é outro universal, ligado ao mistério familiar. Em todo grupo se dá um segredo que deve ser desvendado, já que perturba as redes de comunicação e traz ao grupo um sentimento de culpa. A situação triangular: para Pichón-Rivière todo o vínculo é bicorporal porém tripessoal. Isto é, sempre está presente um terceiro internalizado que, quando perturba a comunicação, funciona como ruído.

7) *Processos de maturação e desenvolvimento* – teoria da doença única. Policausalidade: parte das séries complementares de Freud, considerando na equação etiológica o constitucional, o adquirido e o disposicional. No constitucional, estão os fatores genotípicos, transmitidos geneticamente, nos quais as experiências com o meio social jogam, já, porém indiretamente, através da transmissão filogenética; e os fatores fenotípicos, desenvolvidos durante a gravidez e nos quais entra em jogo o meio social, através da mãe.

Pluralidade fenomênica: considera três áreas de expressão fenomênica da conduta. Área 1: mente. Área 2: corpo. Área 3: mundo exterior. Nessas três áreas, o sujeito vai depositar seus vínculos bons e maus. De acordo como os deposita, constituem-se os diferentes quadros nosográficos: vínculo bom e vínculo mau na área 1 = neurose obsessiva. Vínculo bom e vínculo mau na área 3 = fobias. Vínculo bom na área 1 e vínculo mau na área 3 = esquizofrenia-paranóia. Vínculo bom na área 3 e vínculo mau na área 1 = melancolia, etc.

Continuidade genética e funcional: para Pichón-Rivière haveria um núcleo patogênico depressivo, do qual derivam todas as demais formas clínicas, através de técnicas da posição esquizo-paranóide. Nos diferentes quadros se daria uma alternância da posição depressiva e da posição esquizo-paranóide. Nos primeiros seis meses se produz uma cisão do objeto, em objeto bom e objeto mau, com a ambivalência que caracteriza a posição esquizo-paranóide. Com a maturação passa-se à posição depressiva; e reconhece um objeto total com vínculos de quatro caminhos. Aparece a ambivalência: quer e odeia o mesmo objeto, o que o paralisa. Se supera a culpa, através da diminuição do sadismo e do aumento da tendência à reparação, segue um desenvolvimento normal. Se, diante da dor e da culpa, regressa à posição anterior, abre-se o caminho da doença. Retorna a uma posição que foi instrumental para controlar a ansiedade; ilude, assim, o conflito, porém não o resolve; e surgem defesas que bloqueiam as fantasias e os afetos, o que perturba o *insight* necessário para conseguir uma boa conexão com a realidade e uma adaptação ativa. São constituídos, assim, pontos disposicionais aos quais se regressa a partir de outras posições do desenvolvimento.

As cinco depressões:

- 1) Protodepressão – surge da perda do claustro materno.
- 2) Posição depressiva do desenvolvimento – surge da situação de luto, perda, ambivalência, culpa e tentativa de elaborar a situação.

3) Depressão de começo ou desencadeante — é o período de início da doença; surge ante frustrações ou perdas atuais.

4) Depressão regressional — é um retorno aos pontos disposicionais assinalados.

5) Depressão iatrogênica — trata-se de integrar as partes do Eu do paciente depositadas nas diferentes áreas, passando da posição esquizo-paranóide à depressiva, para alcançar uma integração do Eu e do objeto.

A TEORIA DO VÍNCULO

Pichón-Rivière define como uma estrutura complexa que inclui um sujeito e um objeto, a interação entre ambos, e processos de comunicação e aprendizagem, configurando um processo em espiral dialética. É uma relação bicorporal porém tripessoal. Através da noção de vínculo, abordamos a relação entre a estrutura social e a configuração do mundo interno do sujeito. O sujeito é um ser de necessidade que somente se satisfaz socialmente através de relações que o determinam. É um sujeito produzido, na medida em que existem determinantes que atuam na sua conformação como ser social. O fundamento motivacional do vínculo são as necessidades, e, sobre a base destas, se estabelecem as relações intersubjetivas.

O grupo interno se constitui sobre a base de vínculos internalizados, começando pelo grupo familiar, e continuando pelos subseqüentes grupos com quais o sujeito se relaciona; este grupo interno serve-lhe como modelo de aproximação em cada nova experiência.

Crítérios de saúde e doença: são rerepresentados por Pichón-Rivière em termos de adaptação ativa ou passiva à realidade. Consideramos como sujeito sadio aquele que pode apreender a realidade, modificando-a e modificando-se a si mesmo, mantendo uma interação dialética com o meio, e não uma relação passiva e estereotipada.

Isto implica uma leitura da realidade com capacidade de avaliação e propostas de mudança, e uma apropriação instrumental da mesma, para transformá-la.

BIBLIOGRAFIA

1. Pichón-Rivière, E.; *Grupos operativos y enfermedad única*. "El proceso grupal", Edit. Nueva Visión, Bs. As., 1977.
2. Ernst, B.; *The magic mirror of M.C. Escher*. Edit. Ballantine Books, N. York, 1976.
3. Anzieu, D.; cap. 8, "Perspectivas teóricas". *El grupo y el inconciente*. Edit. Biblioteca Nueva, Madrid, 1978.
4. Pichón-Rivière, E.; *Estructura de una escuela destinada a la formación de psicólogos sociales*. "El proceso grupal". Edit. Nueva Visión, Bs. As., 1977.
5. Pichón-Rivière, E. y Quiroga, A.P.; *Transferencia y Contratransferencia en la situación grupal*. "El proceso grupal". Edit. Nueva Visión, Bs. As., 1977.
6. Pichón-Rivière, E.; *La noción de tarea en psiquiatría*. "El proceso grupal". Edit. Nueva Visión, Bs. As., 1977.
7. Ulloa, F.; *Enrique Pichón-Rivière y la psicología social*. "Acta psiquiátrica y psicológica de América Latina", Vol. XIII, Nº 4, Bs. As., Dic 1967.
8. Kesselman, H.; *Psicoterapia breve*. Edit. Kargieman, Bs. As., 1970.
9. Berstein, M.; *Psicología de la vida cotidiana en el grupo familiar*; "Terapia familiar", núm. 9, Bs. As., 1982.
10. Sartre, J.P.; *Crítica de la razón dialéctica*. Ed. Gallimard, Paris, 1960.

Terceira parte

TÉCNICAS GRUPAIS